

SAÚDE EM DIA

EDIÇÃO 103 ANO 3 - 4.5.2026



ACESSE
NOSSO
PORTAL



Um século de
Pioneirismo, ciência
e amor

1926 - 2026



HOSPITAL
CIRURGIA



➔ **PÁGINA 8**

Cuide da
mente,
viva
melhor!



Sessões de
Psicologia no Sesc

Quando você cuida da mente,
fortalece sua vida.

CNC · Fecomércio SE · Sesc

Sistema Comércio
Cuidar de pessoas nos aproxima



SUGESTÕES de pautas

PARTICIPE DO CADERNO **SAÚDE EM DIA**



E-MAIL

jornalistaandrecarvalho@gmail.com



WHATS APP

(79) 9.8807-2288



COMERCIAL

(79) 9.9909-1868

WELLINGTON SANTOS

EMAIL comercial.saudeemdiase@gmail.com



SIGA-ME NO INSTAGRAM

 **saudeemdia_se**

ÍNDICE

CLIQUE NOS TÍTULOS ABAIXO

4 | **EDITORIAL**
HOSPITAL DE CIRURGIA: UM PATRIMÔNIO RECONSTRUÍDO QUE SUSTENTA A SAÚDE PÚBLICA EM SERGIPE

8 | HOSPITAL DE CIRURGIA DIVULGA PROGRAMAÇÃO DOS 100 ANOS COM MISSA, BAILE, LIVRO E CORRIDA

16 | **ENTREVISTA**
OITO ANOS DE RECONSTRUÇÃO NO HOSPITAL DE CIRURGIA

34 | **MEDICINA E ARTE**
A ARTE POÉTICA DA MEDICINA

36 | **GRANDES AVANÇOS**
PRIMEIRO HOSPITAL FILANTRÓPICO DE SERGIPE A CONQUISTAR ACREDITAÇÃO HOSPITALAR NÍVEL 1

46 | **SOB O OLHAR DO CARDIOLOGISTA**
O INFARTO NÃO ESPERA A IDADE

52 | HOSPITAL FERNANDO FRANCO IMPLANTA PROTOCOLO INÉDITO PARA ATENDIMENTO A PESSOAS COM AUTISMO E REFORÇA CUIDADO HUMANIZADO NA REDE PÚBLICA

58 | **SAÚDE BUCAL**
ENXERTO ÓSSEO E IMPLANTES: ENTENDA QUANDO ELE É NECESSÁRIO

64 | **RETRATOS DE RESILIÊNCIA**
A NAVEGAÇÃO ENTRE A DOR E O PROPÓSITO

70 | **DEPOIMENTOS**
ACESSE

EXPEDIENTE
SAÚDE EM DIA

JORNALISTA | **ANDRÉ CARVALHO** | WHATS APP | (79) 9.8807-2288
EMAIL | jornalistaandrecarvalho@gmail.com

COMERCIAL | **WELLINGTON SANTOS** | WHATS APP | (79) 9.9909-1868
EMAIL | comercial.saudeemdiase@gmail.com

AW | **DESIGNER** | DIAGRAMADOR
EMAIL: vipppmid@gmail.com

HOSPITAL DE CIRURGIA: UM PATRIMÔNIO RECONSTRUÍDO QUE SUSTENTA A SAÚDE PÚBLICA EM SERGIPE

O Hospital de Cirurgia não é apenas uma unidade de saúde. É, ao longo de décadas, um verdadeiro patrimônio do povo sergipano — construído com pioneirismo, compromisso social e uma dedicação contínua à vida. Em um cenário onde os desafios da saúde pública são cada vez mais complexos, instituições como essa assumem um papel que vai muito além da assistência: tornam-se pilares de sustentação do próprio sistema.

Com 290 leitos e uma atuação majoritariamente voltada ao Sistema Único de Saúde (SUS), o hospital reafirma diariamente sua vocação pública. Mais de 80% dos atendimentos destinados à população dependente do sistema evidenciam não apenas sua relevância, mas também sua responsabilidade social. Trata-se de um

equipamento essencial, que sustenta boa parte da assistência de média e alta complexidade em Sergipe.

Mas a grandeza do Hospital de Cirurgia não se mede apenas por números. Sua trajetória é marcada por feitos históricos que ajudaram a moldar a medicina no estado e na região Nordeste. Da primeira anestesia geral à realização de procedimentos altamente sofisticados, como transplantes cardíacos e cirurgias neurológicas de alta precisão, a instituição sempre esteve na vanguarda da inovação. Esse protagonismo consolidou o hospital como referência em especialidades estratégicas, sendo responsável por mais de 70% da produção hospitalar de alta complexidade do SUS em Sergipe.

É simbólico, inclusive, que o hospital dê nome ao bairro onde está inserido — o Bairro Cirurgia. Um reconhecimento espontâneo da sociedade ao papel transformador que a instituição exerce há gerações.

Nos últimos anos, no entanto, o Hospital de Cirurgia viveu um dos momentos mais desafiadores de sua história. À beira do

colapso, a intervenção judicial iniciada em 2018 — articulada pelo Ministério Público de Sergipe e autorizada pelo Judiciário — representou um divisor de águas. O que poderia ter sido o fim, tornou-se recomeço.

Sob a liderança da interventora Márcia Guimarães, a primeira mulher a dirigir a instituição em quase um século, o hospital passou por uma profunda reestruturação administrativa, financeira e assistencial. O resultado desse processo é visível: recuperação da credibilidade, melhoria

SAÚDE EM DIA



NA PALMA DA SUA MÃO

RECEBA TODA AS SEGUNDAS-FEIRAS ATRAVÉS DO WHATS APP SAÚDE EM DIA, SEU JORNAL DIGITAL.

dos fluxos internos e, sobretudo, a retomada da confiança da população.

A conquista da certificação de Acreditado Nível 1 pela Organização Nacional de Acreditação, em 2024, não é apenas um selo técnico. É o reconhecimento de que a instituição conseguiu transformar crise em oportunidade, elevando seus padrões de qualidade e segurança. E mais: sendo o primeiro hospital filantrópico de Sergipe a alcançar essa chancela, reafirma sua posição de liderança no setor.

Em tempos de tantas fragilidades no sistema de saúde, o exemplo do Hospital de Cirurgia mostra que é possível reconstruir, inovar e avançar — desde que haja compromisso, gestão responsável e foco no interesse público.

Defender o Hospital de Cirurgia é, portanto, defender a própria saúde pública de Sergipe. É reconhecer que, por trás de cada leito, cada cirurgia e cada atendimento, existe uma história de resistência, dedicação e, sobretudo, de cuidado com a vida.

**VOLTAR
PARA CAPA** 

**VOLTAR
PARA ÍNDICE** 



Em encontro com a imprensa, a instituição também apresentou avanços e novos projetos, como Saúde Suplementar, nova UTI e novo prédio do Ambulatório

HOSPITAL DE CIRURGIA DIVULGA PROGRAMAÇÃO DOS 100 ANOS COM MISSA, BAILE, LIVRO E CORRIDA

Prestes a completar 100 anos de existência, o Hospital de Cirurgia (HC) reuniu profissionais da imprensa sergipana, em um café da manhã, para apresentar a programação oficial das celebrações do centenário - que inclui missa, baile, lançamento de livro e uma corrida -, os principais avanços alcançados nos últimos anos a partir da gestão da Intervenção Judicial e os projetos que irão nortear o futuro da unidade hospitalar.

A instituição filantrópica fará 100 anos no dia 2 de maio, sendo grande referência em atendimentos de média e alta complexidade em Sergipe, sobretudo, para a Rede Estadual de Saúde. O hospital conta com uma estrutura de 256 leitos (206 de enfermagem e 50 de terapia intensiva), realiza consultas em mais de 25 especialidades e oferta diversos exames. É destaque nas áreas de cirurgias cardiovasculares, traumatologia e ortopedia, neurocirurgia e oncologia, além de desempenhar papel importante na formação profissional, com a disponibilização de Residência Médica e Multiprofissional. Nesse cenário de protagonismo na assistência e ensino, o Hospital preparou uma programação especial para marcar o centenário.

CELEBRAÇÕES DO CENTENÁRIO

As celebrações dos 100 anos se estendem ao longo do ano e começam no dia 4 de maio, com uma missa em ação de graças, às 15h30, no pátio do hospital, celebrada pelo arcebispo de Aracaju, Dom Josafá Menezes. O momento será voltado aos colaboradores e marcado por fé, reconhecimento e gratidão àqueles que constroem diariamente a história da instituição.

No dia 7 de maio, a celebração ganha um tom festivo e simbólico com o Baile do Centenário, no Salles Multieventos, a partir das 18h30, reunindo autoridades, parceiros e funcionários. Durante o evento, será entregue a Comenda Dr. Augusto Leite, maior honraria do hospital, destinada a apoiadores e colaboradores que contribuíram de forma significativa para o fortalecimento do Cirurgia ao longo de sua história.



Durante o encontro, a interventora judicial do HC, Márcia Guimarães, destacou o significado do centenário e o papel do hospital

Como forma de eternizar a trajetória de 100 anos, o HC lançará, no dia 30 de julho, o livro “Hospital de Cirurgia - Um Século de Resiliência e Cuidado com os Sergipanos”. A obra percorre desde a fundação, em 1926,

até os dias atuais, destacando momentos marcantes, desafios, conquistas e o impacto do hospital na saúde do Estado.

Ainda fará parte da programação comemorativa a Corrida do Centenário, que ocorrerá no dia 26 de setembro e será aberta ao público. Mais do que um evento esportivo, a iniciativa simboliza saúde, qualidade de vida e aproximação com a comunidade, convidando a população a fazer parte desse momento histórico do hospital.

Durante o encontro, a interventora judicial do HC, Márcia Guimarães, destacou o significado do centenário e o papel do hospital. “Estamos aqui nesta manhã para esse encontro com a imprensa para mostrar um pouquinho do que é o Hospital de Cirurgia nesses 100 anos, tudo o que ele é hoje, o que já foi e o futuro dele. E, para celebrar esse marco tão importante, preparamos uma programação especial, pensada com muito cuidado para valorizar nossa história”, declarou. Ela ressaltou o pioneirismo da instituição, responsável por marcos importantes na medicina sergipana, como o primeiro transplante cardíaco do

Norte e Nordeste, além da formação de gerações de profissionais.

PROJETOS FUTUROS

Márcia Guimarães também apresentou os projetos que apontam para a expansão do hospital, entre eles a implantação da Saúde Suplementar, com um prédio exclusivo, a construção do novo Ambulatório, a implantação de uma nova UTI - com obras já em andamento e com previsão de conclusão para esse ano - e a criação do Instituto Augusto Leite, voltado às residências médicas e multiprofissionais.

Outro destaque é o avanço na área de transplantes. Em janeiro deste ano, o Cirurgia iniciou a realização de transplantes renais e, em apenas quatro meses, já alcançou a marca de 10 procedimentos feitos. Paralelamente, o hospital já implantou o Ambulatório de Transplante Hepático - inédito em Sergipe - e trabalha para iniciar, em breve, os transplantes de fígado, ampliando ainda mais a atuação em procedimentos de alta complexidade.

O urologista Dr. Diego Marques, um dos cirurgiões responsáveis pelos transplantes

renais, ressaltou a importância desse avanço para o estado. “Estamos aqui hoje nesse encontro com a imprensa celebrando as conquistas do Cirurgia nesse centenário. Um dos nossos principais feitos, atualmente, são justamente os transplantes renais. O hospital em 2026, logo em janeiro, começou com seu primeiro transplante renal e, em quatro meses, já atingimos a marca de 10 transplantes renais. É um serviço muito importante para a sociedade sergipana que se consolida cada vez mais”, afirmou.

A coordenadora do Ambulatório, Kelle Juliana, reforçou a importância da ampliação da estrutura para melhorar ainda mais à assistência à população. “Esse novo prédio, sem dúvidas, vai trazer um atendimento ainda mais qualificado, com um espaço mais amplo e planejado. Atualmente, o Ambulatório conta com 52 salas e realiza, em média, de 250 a 270 atendimentos por dia”, destacou.

REESTRUTURAÇÃO COM A INTERVENÇÃO

Os avanços apresentados refletem a reestruturação vivida pelo hospital desde 2018, com a Intervenção Judicial. Nesse período,

a produção hospitalar de alta complexidade voltada ao Sistema Único de Saúde (SUS) cresceu 280% até aqui, enquanto a produção ambulatorial teve aumento de 1.388%.

Referência nas áreas de neurocirurgia, cardiovascular, ortopedia e oncologia, o hospital concentra grande parte dos procedimentos de alta complexidade do SUS no estado, com destaque para 93,1% dos procedimentos cardiovasculares, 84,7% em neurocirurgia, 83% em ortopedia e 53% em oncologia. No cenário nacional, a instituição

SAÚDE EM DIA

NA PALMA DA SUA MÃO

RECEBA TODA AS SEGUNDAS-FEIRAS ATRAVÉS DO WHATS APP SAÚDE EM DIA, SEU JORNAL DIGITAL.

ocupa a 12ª posição entre 543 hospitais em procedimentos cardiovasculares pelo Sistema Único, além de figurar entre os principais do Nordeste em várias especialidades.

PROGRAMAÇÃO DAS CELEBRAÇÕES DO CENTENÁRIO

MISSA EM AÇÃO DE GRAÇAS

Data: 4 de maio

Horário: 15h30

Local: Pátio do Hospital de Cirurgia

BAILE DO CENTENÁRIO

Data: 7 de maio

Horário: 18h30

Local: Salles Multieventos

LANÇAMENTO DO LIVRO “HOSPITAL DE CIRURGIA – UM SÉCULO DE RESILIÊNCIA E CUIDADO COM OS SERGIPANOS”

Data: 30 de julho

CORRIDA DO CENTENÁRIO

Data: 26 de setembro

**VOLTAR
PARA CAPA** 

**VOLTAR
PARA ÍNDICE** 



Interventora judicial, Márcia Guimarães, destaca desafios, avanços e a retomada do protagonismo da unidade

OITO ANOS DE RECONSTRUÇÃO NO HOSPITAL DE CIRURGIA

À frente do Hospital de Cirurgia desde o início da intervenção judicial, em 2018, Márcia Guimarães conduz um processo marcado por desafios estruturais, reequilíbrio financeiro e reorganização administrativa que evitaram o fechamento da instituição e devolveram sua relevância para a saúde pública. Em entrevista, ela faz um balanço dos oito anos de gestão, destacando as principais conquistas, como a melhoria dos serviços, o fortalecimento da assistência ao Sistema Único de Saúde e a recuperação da credibilidade de um dos mais importantes hospitais filantrópicos de Sergipe.

Saúde em dia: O Hospital de Cirurgia completa 100 anos de história. Qual é o significado dessa marca para a senhora e para toda a equipe da unidade?

Márcia Guimarães: O significado é fortaleza. Uma entidade que ela, apesar de ser particular, ela presta o serviço de atendimento ao serviço público, que é grandioso a entrega dele, mostrando mesmo a missão de Augusto Leite, que foi um grande benemérito do hospital e foi quem fundou o hospital. Já fundou pensando em tecnologia, porque na época, na década de 20, a cirurgia ainda era um grande desafio. Tanto que lá foi feita a primeira anestesia geral. Transfusão sanguínea também foi lá. Então, completando 100 anos hoje com o hospital robusto como está hoje, com as entregas e com esse corpo que a gente tem, clínico e de funcionários, é muito gratificante.

Quando a senhora assumiu a intervenção, qual era o cenário encontrado no hospital e quais foram os desafios mais urgentes naquele momento? O cenário era devastador. Um cenário que atingia não só a parte assistencial, mas a parte de gestão.

Eram muitas frentes que precisavam ser equalizadas. Diante disso, tivemos que agir com rapidez e ter um diagnóstico ágil da situação, porque havia pacientes aguardando atendimento no hospital. Essa resposta precisava ser rápida, mas também contínua — não era algo que pudesse ser feito de forma pontual e depois abandonado. Era fundamental garantir a continuidade das ações. Então, a gente teve aí dois fatos marcantes, que foram os dados que eu peguei da ouvidoria do próprio hospital e também do diagnóstico feito pelo Hospital Oswaldo Cruz, através do PROAD. Então, com esses dois documentos, eu fui identificar os maiores problemas que mostravam internamente e externamente. E com isso, chamamos todos os que trabalhavam lá, que trabalhavam e muitos continuam trabalhando. Então, a gente tinha muita gente boa lá no Hospital de Cirurgia e que continua comigo. Então, a gente fez um plano de ação para um projeto que se chamou “Reestruturação do Hospital de Cirurgia” e que até hoje tá vigente e que deve terminar no próximo ano. E esse plano de reestruturação fez com que ao longo dos anos a gente conseguisse alcançar o que a gente tá e que é o estado que a gente tá hoje.

Ao longo desses oito anos à frente da unidade, quais foram as principais conquistas alcançadas pela gestão? A principal conquista é a Acreditação. Porque ela foi o atestado de que os processos de trabalho e a segurança do paciente estão sendo o alvo do nosso compromisso diário. Então, o hospital acreditado significa isso, um hospital mais seguro. E é isso que a gente quer. O paciente chega no seu momento de maior fragilidade e a gente precisa dar segurança que aquele tratamento está sendo seguro e que é o melhor. E além de humano, né? Que hoje muita gente quando sai nos elogia, diz quanto à pessoa da copa, da limpeza, a pessoa da enfermagem era agradável, que sorria, que cumprimentava, que dava bom dia. Então, essa motivação diária para o trabalho que eu sei que não é fácil, mas eu digo que é divina, e por isso a gente consegue fazer essas entregas que nós fazemos hoje.

Houve momentos especialmente difíceis durante esse período? Eu sempre busco pensar mais na solução do que no problema. Porque se a gente for engolido pelo problema, a gente não consegue avançar. Então, toda

vez que a gente se depara com momentos assim desafiadores, que foi 368 pacientes em fila de espera da cirurgia cardíaca, cirurgia neurológica sem ser feita porque o microscópio estava quebrado, radioterapia parada, quimioterapia parada há três meses. Então era assim, era um momento de sete meses de médicos sem trabalhar e eles ainda trabalharam sete meses sem receber salário. Isso também demonstra o quanto de compromisso esses profissionais têm com o hospital e com a própria missão de serem médicos. Havia uma série de fatores envolvidos: a precarização tecnológica do hospital, laboratórios sem equipamentos adequados, sem sequer um aparelho para realizar um simples hemograma. Era, de fato, um cenário de terra arrasada. Ao mesmo tempo, esse contexto também favorece quem chega com o propósito de fazer um trabalho sério. E a minha missão era clara: fazer com que o hospital não parasse.

Como foi o trabalho para reorganizar financeiramente e administrativamente o hospital durante a intervenção? Então, a partir desse cenário, fomos elencando como prioridades a retomada da cirurgia cardíaca,

da oncologia, da neurocirurgia e da cirurgia urológica. Chamamos cada equipe, além de fornecedores e prestadores de serviço que estavam com pagamentos em atraso. Foram momentos muito tensos, mas também marcados por uma grande demonstração de confiança. Muitos diziam: ‘Márcia, vá em frente, nós vamos aguentar, vamos dividir essa dívida’. Isso foi algo grandioso. Houve muita receptividade, fraternidade — eu diria até amor — por parte dessas pessoas, que mesmo diante de dívidas, continuaram fornecendo e acreditando no projeto. É importante lembrar que o contrato do Hospital de Cirurgia é por produção. Se não realizarmos procedimentos como cateterismo ou cirurgias, não há receita. Por isso, colocamos a engrenagem para funcionar, buscando produzir dentro daquilo que somos contratados, para alcançar o patamar em que estamos hoje. A busca por emendas parlamentares e outros recursos seguiu essa lógica. Porque sabemos que, apenas com o orçamento do dia a dia, não é possível adquirir equipamentos de alto custo, como uma ressonância magnética. Foi com o apoio das bancadas e dessa rede de colaboração que conseguimos avançar.

Esse é o hospital que temos hoje. E a busca por emendas e por outros recursos foi justamente por isso, porque sabemos que, com o orçamento do dia a dia, não é possível adquirir equipamentos de alto custo, como uma ressonância magnética. Foi com o apoio das bancadas que conseguimos avançar. Inclusive, você mencionava sobre o trabalho de reabilitação financeira e administrativa — e isso já dá um panorama das dificuldades iniciais e dessa busca por recursos. Mas é importante destacar que o desafio financeiro continua até hoje, André. Na área da saúde, seja no setor privado, filantrópico ou mesmo totalmente privado, existe um intervalo muito grande entre o serviço prestado e o pagamento recebido. Ou seja, você tem o custo hoje, a despesa hoje, mas só recebe após 60 ou 90 dias. Isso já é, por si só, um grande desafio. E isso impacta toda a cadeia: quem presta serviço para a gente e quem nos fornece insumos. O nosso esforço é para que essa dificuldade não chegue até o paciente. E eu costumo dizer que essa é a grande ‘mágica’: conseguir manter o funcionamento, com presença e acessibilidade, transmitindo confiança. É garantir para todos os envolvidos — fornecedores, prestadores — que o

pagamento será feito. ‘Assim que eu receber, eu pago’. E é dessa forma que a gente vai mantendo esse equilíbrio e conseguindo seguir em frente



Márcia: “ao longo desse tempo, a gente foi investindo na infraestrutura e também em equipamentos”

O hospital é uma referência para Sergipe em diversas especialidades. Como manter essa tradição ao mesmo tempo em que busca inovação e modernização? A primeira coisa é ter pessoas ao nosso lado que queiram isso também. Então, esses times, como eu falei aqui, ter a equipe de transplante hoje, eles foram médicos que se formaram em Sergipe, que foram médicos residentes do hospital em cirurgia geral e que buscaram outros centros para a seu aperfeiçoamento e que hoje retornam para o

hospital e retornam com tecnologia e saberes muito mais avançados. Por isso que a gente consegue fazer o transplante renal. Por causa disso, por essa equipe tão comprometida. A mesma coisa a cirurgia cardíaca. Na cirurgia cardíaca, por exemplo, hoje não realizamos apenas os procedimentos convencionais, com abertura total do tórax. Também realizamos cirurgias minimamente invasivas. Dependendo da patologia do paciente, o procedimento pode ser feito por apenas duas incisões, sem a necessidade de abrir completamente o peito. Isso representa um grande avanço. Atualmente, realizamos esse tipo de cirurgia uma vez por semana, em casos selecionados pelos médicos, que buscaram capacitação fora do estado. O doutor Wilson e o doutor Ivan, por exemplo, fizeram cursos no Rio Grande do Sul e retornaram trazendo essa tecnologia para implantá-la no Hospital de Cirurgia. Isso me deixa muito feliz, porque mostra a entrega e o compromisso desses profissionais. Eu costumo dizer que tudo começa com o comprometimento de todos. Hoje temos mais de 2 mil colaboradores. São cerca de 2 mil profissionais de forma direta, além de muitos outros indiretos, contratados de

diferentes formas. Mas todos compartilham o mesmo propósito: cuidar bem do paciente, mantendo-se engajados e motivados para oferecer a melhor assistência possível.

Quais investimentos em estrutura, tecnologia e ampliação de serviços foram realizados nos últimos anos? A gente saiu de 25 leitos de UTI para 60. A gente saiu de oito salas de cirurgia para 12. Então a gente, ao longo desse tempo, a gente foi investindo na infraestrutura e também em equipamentos. Então, saímos de uma tomografia que não era nossa e que estava, inclusive, paralisada para hoje a gente ter três aparelhos tomógrafos, ter duas ressonâncias magnéticas dentro da própria estrutura hospitalar. Isso são para poucos hospitais. E uma hemodinâmica, né? Uma hemodinâmica que a gente recebeu com dois salas e que hoje está com quatro salas. Então, a gente tem uma estrutura realmente que nos dá uma viabilidade grandiosa de prestar assistência melhor e mais abrangente para o paciente. Isso tudo foi feito através de recursos que não foram diretamente da produção, porque, como eu digo, você não consegue investir tanto se você não tiver um aporte diferenciado. E

essa confiabilidade do Tribunal de Justiça e da sociedade e, principalmente, dos parlamentares de todas as bancadas, federal, estadual e municipal de Aracaju, foi que nos deram essa ajuda para a gente poder ter esse parque, tanto a estrutura das novas unidades, porque a gente saiu de umas enfermarias que não tinham climatização, que era a cadeira de plástico para acompanhantes, que não tinha lençol para os pacientes. Eram 240 leitos e 116 lençóis, eu lembro muito bem quando eu cheguei. Então, você imagina, não existe, né? Então, você tinha que trazer um lençol de casa para hoje a gente poder estar dando a toalha, o lençol, a roupão para eles poderem ficar lá. Isso para mim é um grande... Essa grandiosidade toda foi por causa disso, desses parlamentares, dessa confiança que a gente transmite para a sociedade e que retorna para a gente, para a gente poder fazer mais e melhor para esses pacientes.

A pandemia da Covid-19 representou um grande desafio para toda a rede de saúde. Como o Hospital de Cirurgia enfrentou esse período? Então, eu digo que também foi quem mais fortaleceu o hospital. Porque

a Covid veio em um momento em que a sociedade estava precisando de ajustes, especialmente no espírito de solidariedade. Eu acredito nisso, porque foi o que aconteceu. A gente recebeu ajuda de quem nem imaginava. Era algo incrível. Basta pensar o seguinte: hoje temos horários de visita na UTI e, às vezes, as famílias querem ampliar essas visitas. Agora, imagine na Covid, quando não havia visita nenhuma. As informações eram repassadas por telefone, e-mail ou videochamada. Foi um momento extremamente difícil para toda a humanidade, tanto do ponto de vista do aprendizado médico quanto da própria sociedade em lidar com aquela realidade. E o Hospital de Cirurgia foi agraciado com



uma grande rede de proteção. Conseguimos doações, apoio do comércio, ventiladores e emendas parlamentares. Um exemplo foi a emenda de Laércio Oliveira, que havia sido destinada no ano anterior e estava retida, mas foi liberada naquele momento, permitindo a compra de medicamentos e materiais. Também houve um grande entrosamento entre os hospitais. Muitas vezes faltava um item, como luvas, enquanto outro setor tinha capotes descartáveis. Equipamentos essenciais, como ventiladores e até exames como a gasometria, tão necessária — que parecia simples — tiveram um consumo tão alto que os fornecedores não conseguiam atender à demanda. Essas pequenas coisas, que no dia a dia podem parecer simples, tornaram-se grandes desafios. Ainda assim, conseguimos avançar. Nesse período, implantamos 50 leitos de UTI exclusivos para Covid, chegando a um total de 90 leitos de UTI. Não paramos as cirurgias oncológicas em nenhum momento. A cirurgia cardíaca teve pausas pontuais, como interrupções de 15 dias em momentos mais críticos, mas não houve paralisação total. Os números mostram que, mesmo durante a pandemia, tivemos um desempenho superior

ao de anos anteriores, sem Covid. Tudo isso foi possível graças ao comprometimento da equipe, que manteve o foco no que era mais importante: cuidar dos pacientes.

Como a senhora avalia o papel dos colaboradores e do corpo clínico na reconstrução e fortalecimento do hospital?

Os colaboradores que contribuíram com recursos para a construção e fortalecimento do hospital foram essenciais. Se não houvesse isso, a gente não estaria aqui hoje. É um fator fundamental, como eu costumo dizer: às vezes, basta colocar um pouco de água e adubo para fazer florescer aquele jardim — e eles já estavam ali. Isso fica evidente quando observamos os diretores e colaboradores. Tenho diretores que já estavam no hospital há 15, 14, 9, 10, 11 anos. O próprio doutor Riton, por exemplo, tem uma trajetória ainda mais longa e foi fundamental na reorganização da neurocirurgia. Na verdade, o que eles precisavam era de oportunidade. Eles não queriam ficar sem trabalhar — queriam exercer suas funções da melhor forma possível, com condições adequadas, insumos suficientes e também com capacitação. Na época, não existiam estruturas como o Núcleo

de Segurança do Paciente ou auditoria da qualidade. Tudo isso foi implementado ao longo dos anos para dar suporte e segurança aos profissionais, permitindo que estivessem capacitados e bem instrumentalizados. Criamos também comissões, como a de farmacoterapia, para garantir que novas tecnologias fossem adotadas com base em critérios científicos e adequados aos pacientes. Foi assim que conseguimos transformar essa realidade. Muitas pessoas me perguntam: ‘Márcia, é muito caro ser um hospital acreditado. Como vocês conseguiram esse recurso?’ E eu respondo: o custo da acreditação não está apenas no pagamento à entidade certificadora, seja para diagnóstico ou avaliação. O mais oneroso são os investimentos necessários. É preciso adequar os leitos de UTI às normas, garantir um número adequado de profissionais para a assistência, investir em capacitações, treinamentos e acompanhar indicadores como taxa de mortalidade e suspensão cirúrgica. Além disso, é fundamental estruturar núcleos de segurança e qualidade. Tudo isso exige investimento, mas ao mesmo tempo se torna um retorno. Porque é isso que permite maior rotatividade de leitos, melhora a qualidade da

assistência e eleva a percepção positiva do paciente e de seus acompanhantes. E isso é extremamente significativo.

Existe algum momento marcante dessa trajetória que tenha emocionado ou impactado a senhora de forma especial?

Logo no início, uma das decisões mais difíceis foi sobre não retomar nem consertar o aparelho de acelerador linear que existia no hospital. Foi um momento de muita pressão, porque, quando eu cheguei, o equipamento já estava parado há 123 dias. Além disso, não havia mais peças disponíveis no fabricante. Para consertá-lo, seria necessário encontrar outro equipamento parado para retirada de peças ou alguém que pudesse fabricá-las. E nós não tínhamos recursos. O último contrato com o engenheiro responsável pelo conserto nem sequer havia sido pago, e ele deixou claro que não retornaria enquanto a dívida não fosse quitada. Ao mesmo tempo, lidávamos com pacientes extremamente fragilizados. O tratamento de radioterapia é todo planejado para um equipamento específico, então não é algo que se possa simplesmente transferir de um aparelho

para outro rapidamente. Cada interrupção significava colocar o paciente novamente em uma fila e refazer todo o planejamento. Naquele período, havia pouquíssimos serviços disponíveis no estado: apenas um equipamento no Hospital de Urgência de Sergipe (Huse) e outro em uma clínica privada. Diante disso, tomei a decisão de não insistir no conserto do aparelho. Levei a situação ao Ministério Público e ao então secretário de Estado da Saúde, Valberto Oliveira. Expliquei que minha equipe estava disposta a assumir um esforço adicional, com segundo e até terceiro turno de trabalho no Huse, para garantir o atendimento dos pacientes que antes eram assistidos no hospital. A proposta foi aceita. Assim, até que o novo equipamento estivesse em funcionamento, conseguimos manter o tratamento de todos os pacientes utilizando a estrutura disponível, inclusive com atendimento em terceiro turno. Foi um momento extremamente desafiador, mas também muito significativo. Mostrou que todos estavam comprometidos com o mais importante: garantir que o atendimento não fosse interrompido e que os pacientes continuassem sendo assistidos.”

Qual mensagem a senhora gostaria de deixar para os sergipanos que têm uma relação histórica e afetiva com o Hospital de Cirurgia? Eu gostaria de deixar o meu agradecimento a todos: a todos que já atendemos, aos que atendemos hoje e àqueles que estiveram conosco ao longo dessa trajetória. Agradeço tanto aos que tiveram uma experiência acolhedora quanto aos que enfrentaram momentos mais desafiadores. Lidar com pessoas não é fácil, mas é algo grandioso. Quero dizer a todos que entendam o Hospital de Cirurgia como uma instituição apartidária. É um hospital que precisa da ajuda e da colaboração de todos. É esse espírito coletivo que nos permite chegar aos 100 anos mais fortes do que nunca. O que existe no Hospital de Cirurgia é um espírito de acolhimento, de complementaridade e de cooperação. Não se trata de competir, mas de compartilhar, para que o paciente receba um atendimento cada vez melhor, mais eficaz e, acima de tudo, mais humano.

**VOLTAR
PARA CAPA** 

**VOLTAR
PARA ÍNDICE** 



MÁRCIA ETELLI COELHO
MÉDICA



A ARTE POÉTICA DA MEDICINA

Poema Vencedor do Prêmio Bernardo de Oliveira Martins, da SOBRAMES SP

O que é Medicina? Ciência e arte?
Doar-se ao outro no dom de servir?
Essência da vida que acolhe e reparte
o bem precioso de ser e de existir.

Ciência que o Amor a transforma em artista
que vence barreiras, agrega e avança.
Uma arte que expande e se científica,
a força motriz da sincera esperança.

Hoje eu comprovo que a saúde é dinâmica,
buscando o equilíbrio em diversos canais:

Remédios, abraços, palavras ou lâmina,
bastando seguir cada um dos sinais.

E eu sigo vestindo a correta ciência
com trajes humanos em tons bem diversos.
E eu me permito atender com paciência
e até receitar uma prosa e alguns versos.

Agora eu prescrevo um Quintana belíssimo,
captando as mensagens de cada Pessoa.
A crônica dor se ameniza em Veríssimo.
Clarice e Bomfim para quem não perdoa.

Cecília alivia a ausência do ninho.
Garrett suaviza exiladas prisões.
Drummond para a pedra que entrava o
caminho.
Na falta de amor, um soneto: Camões.

Assim vou cumprindo a missão neste mundo,
seguindo a ciência que tanto me ensina,
mantendo um olhar mais sensível, profundo,
na arte poética da Medicina...

Márcia Etelli Coelho - é médica da Sobrames
SP e atual presidente da entidade

**VOLTAR
PARA CAPA** 

**VOLTAR
PARA ÍNDICE** 



PRIMEIRO HOSPITAL FILANTRÓPICO DE SERGIPE A CONQUISTAR ACREDITAÇÃO HOSPITALAR NÍVEL 1

O Hospital de Cirurgia (HC) é o primeiro hospital filantrópico de Sergipe a conquistar Acreditação Hospitalar Nível 1 expedida pela Organização Nacional de Acreditação (ONA). Trata-se do principal selo de qualidade nacional concedido às instituições de saúde. No Brasil, de 7.309 hospitais em funcionamento apenas 439 possuem alguma certificação, de acordo com dados da Associação Brasileira CIO Saúde (ABCIS). ■



PRIMEIRO TRANSPLANTE RENAL

Protagonista de avanços e pioneirismos na saúde, o Hospital de Cirurgia – no ano em que completa 100 anos de assistência aos sergipanos – realizou o seu primeiro transplante de rim. O procedimento marca a retomada dos transplantes renais pela Rede Estadual de Saúde após 13 anos e consolida o HC como o primeiro hospital filantrópico de Sergipe habilitado a realizar esse tipo de cirurgia de alta complexidade. ■



RETOMADA DO SERVIÇO DE PEDIATRIA

O Hospital de Cirurgia inaugurou a sua Unidade de Terapia Intensiva (UTI) Pediátrica, marcando a reativação do Serviço de Pediatria após 16 anos parado. A retomada acontece em um momento simbólico para a instituição filantrópica, que completa 100 anos em 2026, e representa um avanço concreto no atendimento às crianças assistidas pelo Sistema Único de Saúde (SUS), ao disponibilizar uma estrutura moderna e humanizada dedicada ao cuidado cirúrgico infantil em nível avançado em Sergipe. Composta por 10 leitos, sendo um de isolamento, a UTI

Pediátrica terá perfil cirúrgico, voltada para assistência a crianças que irão passar por cirurgias de média e alta complexidade nas áreas da Neurocirurgia, Ortopedia e outras especialidades que exigem suporte intensivo e equipe altamente qualificada. A proposta do HC é assegurar atendimento integral, com acompanhamento estruturado antes, durante e após o procedimento. ■



PRIMEIRA TROMBECTOMIA DE VEIA CAVA TUMORAL DO BRASIL

Mais um marco histórico foi registrado no Hospital de Cirurgia. A instituição hospitalar – centro de grandes inovações – realizou a primeira trombectomia de veia cava tumoral do Brasil por meio do Sistema Único de Saúde (SUS). O procedimento cirúrgico, de grande complexidade e que exigiu atuação multidisciplinar, durou seis horas e

envolveu a equipe vascular, no Serviço de Hemodinâmica, e a equipe de urologia, no centro cirúrgico. Um trombo tumoral (invasão de células tumorais para dentro de um vaso sanguíneo) instalado na veia cava inferior – a maior veia do corpo – foi removido por técnica minimamente invasiva, pela equipe de vascular, conduzida por Dr. Christian Oliveira. Após essa etapa, o paciente seguiu para o centro cirúrgico para a retirada de um tumor grande, de 20 centímetros, que atingia o rim esquerdo, a adrenal (glândula do sistema endócrino, localizada acima de cada rim) e pressionava órgãos vitais. ■

NOVA UNIDADE CARDIOVASCULAR AVANÇADA

Desde o início da Intervenção Judicial, em novembro de 2018, o HC passa por uma grande e moderna reestruturação administrativa, financeira e assistencial em todas as suas áreas, com a realização de obras estruturais e aquisição de equipamentos de alta tecnologia, além do fortalecimento da equipe de profissionais. Para oferecer aos pacientes cardiológicos um atendimento ainda mais primoroso, o HC construiu uma nova Unidade



Cardiovascular Avançada, instalando que há de mais moderno na área da saúde, com um total de 12 leitos. O HC é referência cardiológica para o Sistema Único de Saúde (SUS) em Sergipe e atualmente é destaque no ranking nacional do Sistema Único em realização de procedimentos do sistema cardiovascular, ocupando a 1ª colocação no Nordeste e a 7ª no Brasil. Para chegar a este patamar, o Serviço de Cardiologia do Cirurgia oferece aos sergipanos um atendimento completo e qualificado, composto por uma ampla linha de cuidados, incluindo uma Unidade Cardiovascular Avançada, que é dedicada a pacientes com infarto e funciona 24 horas por dia. ■



1ª NEUROCIRURGIA DO BRASIL COM MAPEAMENTO DAS EMOÇÕES

Percussor e referência da Neurocirurgia em Sergipe, o Hospital de Cirurgia, mais uma vez, fez história. A instituição hospitalar realizou pela primeira vez no Brasil um mapeamento das emoções – por meio de teste de inteligência artificial – durante neurocirurgia com paciente acordado, com o auxílio de equipe multidisciplinar (fonoaudiologia e psicologia). O autor do método inovador, o neurocirurgião espanhol Dr. Jesús Martín-Fernández, foi o responsável pela execução dos procedimentos cirúrgicos. Desde 2019, o Cirurgia executa a técnica da neurocirurgia com paciente acordado no âmbito do SUS, que, através de mapeamento

durante a operação, localiza as áreas responsáveis pelo movimento, linguagem, visão, senso espacial, comportamento e emoções. Em 2022, o hospital inovou, mais uma vez, e fez pela primeira vez em Sergipe o método do paciente acordado com a participação de psicóloga e fonoaudióloga, que faz testes específicos antes, durante e pós-cirúrgico. E, agora, o HC realizou a metodologia internacional de mapeamento das emoções de Dr. Jesús Fernández. ■



TRANSFORMAÇÃO DA ONCOLOGIA

Marco na Oncologia em Sergipe, o Hospital de Cirurgia reinaugurou o Serviço de Radioterapia – integrante da primeira etapa do novo prédio da Unacon do Cirurgia, aguardada com grande expectativa pela

sociedade. Na mesma ocasião, ocorreu também a reinauguração da Recepção Histórica e a inauguração do Serviço de Ressonância Magnética. Trata-se de mais três grandes ações executadas dentro do plano de reestruturação do Hospital de Cirurgia, iniciado com a Intervenção Judicial em novembro de 2018. Desde então, a unidade hospitalar vem passando por amplas modernizações físicas e administrativas, todas com a finalidade de prestar uma assistência integral, de qualidade e humanizada aos pacientes. Em mais um marco histórico para a saúde de Sergipe, o HC inaugurou a segunda etapa do prédio da Unidade de Alta Complexidade em Oncologia (Unacon) Dr. Oswaldo Leite. O novo espaço, localizado no primeiro andar, conta com um moderno, confortável e humanizado Centro de Infusão e oito salas de atendimento. ■

PROCEDIMENTO CARDIOLÓGICO INÉDITO PELO SUS EM SE

O Hospital de Cirurgia, através do Serviço de Hemodinâmica, realizou um procedimento cardiológico inédito pela Rede Estadual de Saúde em Sergipe: o Tavi (Implante Percutâneo Transcateter de Válvula



Aórtica) – método minimamente invasivo recomendado para pacientes idosos com elevado risco cirúrgico. O procedimento de Tavi foi desenvolvido para corrigir casos de estenose aórtica, doença que causa o estreitamento da abertura da válvula aórtica e, conseqüentemente, obstrui o fluxo de sangue do ventrículo esquerdo do coração para a aorta. Ao contrário da cirurgia convencional – que necessita abrir a caixa torácica do paciente –, o Tavi permite que a substituição da válvula aórtica por uma prótese seja realizada sem cortes profundos, através de um cateter introduzido na região da virilha, que segue até o coração. Não há necessidade de entubar o paciente e nem aplicar anestesia geral. ■

**VOLTAR
PARA CAPA** 

**VOLTAR
PARA ÍNDICE** 

SOB O OLHAR DO CARDIOLOGISTA



PROF. DR SOUSA | MÉDICO CARDIOLOGISTA

O INFARTO NÃO ESPERA A IDADE

Há uma ideia persistente que insiste em morar no imaginário coletivo: o infarto como um evento que chega com a idade, quase como um parente distante que só aparece depois dos sessenta. Ele veste cabelos brancos, carrega um histórico de exageros à mesa e, de alguma forma, parece obedecer a uma lógica previsível do tempo. Mas, como tantas certezas confortáveis, essa também tem falhado — e falhado cedo. Nos últimos anos, o susto tem mudado de endereço. Não é raro que ele bata à porta de quem ainda está organizando a própria vida, pagando o primeiro financiamento, criando filhos pequenos ou sequer imaginando que o coração, esse símbolo de vigor e

resistência, possa falhar. Jovens também infartam. E quando isso acontece, o choque não é apenas clínico — é cultural.

A história quase sempre começa de maneira banal. Um desconforto no peito depois de um dia corrido. Uma dor que irradia, mas que se confunde com ansiedade, com cansaço, com a má postura de quem vive curvado sobre telas. Às vezes vem acompanhada de suor frio, de uma falta de ar que parece desproporcional ao esforço, ou de um enjoo sem explicação. Mas quem, aos trinta e poucos anos, pensa em infarto? Quase ninguém. E é justamente aí que mora o perigo. A subestimação é silenciosa e perigosa. O jovem tende a negociar com os próprios sintomas: “deve ser estresse”, “foi algo que comi”, “é só uma crise de ansiedade”. Enquanto isso, o relógio biológico segue seu curso implacável. No infarto, tempo é músculo — cada minuto de demora representa uma parte do coração que deixa de receber sangue, oxigênio, vida.

É verdade que os fatores clássicos continuam sendo protagonistas. O cigarro, por exemplo, ainda reina como um dos

maiores vilões entre os mais jovens. E, em um movimento preocupante, os cigarros eletrônicos — tão nocivos quanto os convencionais — vêm conquistando, de forma acelerada, uma nova geração de usuários. Soma-se a isso o colesterol elevado, muitas vezes ignorado por anos, a pressão arterial que sobe sem aviso e o sedentarismo que se instala como rotina. Não é preciso envelhecer para acumular riscos — basta acumulá-los cedo.

Mas a história não se resume ao velho roteiro. Nos jovens, o infarto também pode surgir de caminhos menos óbvios. Há casos em que não existe uma placa significativa entupindo a artéria, mas sim um coágulo que se forma de repente, interrompendo o fluxo sanguíneo. Em outros, um espasmo coronariano — uma contração abrupta da artéria — pode ser desencadeado por substâncias como a cocaína. Há ainda

**SAÚDE +
EM DIA**

TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS

SIGA-ME!
saudeemdia_se

ENTRE EM CONTATO
(79) 9.9909-1868

situações mais raras e surpreendentes, como a dissecação espontânea da coronária, em que a parede da artéria se rompe internamente, criando um bloqueio inesperado. E não se pode ignorar o peso da genética. Algumas pessoas carregam, desde o nascimento, alterações que elevam drasticamente o colesterol, mesmo com hábitos aparentemente saudáveis. São bombas-relógio invisíveis, que exigem atenção precoce, diagnóstico e acompanhamento.

No entanto, talvez o elemento mais característico desta geração seja aquilo que os especialistas chamam de “exposoma” — o conjunto de exposições ambientais e comportamentais ao longo da vida. É um conceito moderno para um problema muito atual. Dorme-se pouco, come-se mal, vive-se muito e, paradoxalmente, vive-se mal. O estresse crônico deixou de ser exceção e virou regra. Ele não chega em picos dramáticos, mas em doses diárias, constantes, quase imperceptíveis. Está no trânsito, nas cobranças profissionais, na instabilidade financeira, nas notificações incessantes que não permitem pausa. O corpo, submetido a esse estado contínuo de alerta, responde — e o coração sente.

A alimentação também mudou. O tempo encurtou, e com ele, as escolhas. Alimentos ultraprocessados, ricos em gorduras, açúcares e aditivos, tornaram-se parte da rotina. Não por ignorância, mas por conveniência. É o preço da pressa. E há ainda o sono — ou a falta dele. Dormir mal deixou de ser um problema pontual e passou a ser quase um estilo de vida. Madrugadas encurtadas, telas acesas até tarde, descanso fragmentado. O organismo, privado de recuperação adequada, acumula desgaste. E, mais uma vez, o coração paga a conta.

Diante desse cenário, o infarto no jovem não é apenas uma exceção estatística. Ele é um reflexo do tempo em que vivemos. Um tempo acelerado, exigente, muitas vezes negligente com o próprio corpo. O que torna tudo ainda mais delicado é o diagnóstico tardio. Profissionais de saúde, familiares e os próprios pacientes nem sempre consideram a possibilidade de um evento cardíaco em alguém jovem. Isso atrasa o atendimento, aumenta as complicações e, em alguns casos, custa vidas que poderiam ser salvas com intervenção precoce. Talvez seja preciso, então, revisar nossas certezas. O coração não segue calendários rígidos. Ele responde

a estímulos, a escolhas, a contextos. Ele carrega, dia após dia, as marcas do que fazemos — e do que deixamos de fazer.

Falar sobre infarto em jovens não é alarmismo. É responsabilidade. É reconhecer que a prevenção não deve começar aos cinquenta, mas muito antes. É entender que saúde não é ausência de doença, mas construção diária. No fim das contas, a mensagem é simples, embora incômoda: ninguém está automaticamente protegido pela idade. A juventude pode até oferecer uma sensação de invulnerabilidade, mas o corpo não assina esse contrato. Cuidar do coração, hoje, talvez seja um dos atos mais urgentes — e mais negligenciados — da vida moderna. Porque, diferente do que muitos ainda acreditam, o tempo não é o único fator em jogo. E, às vezes, ele não concede aviso prévio. Segundo de Hipócrates de Cos: “Antes de curar alguém, pergunte-lhe se está disposto a desistir das coisas que o fizeram adoecer.”

Prof. Dr. Antônio Sobral Sousa - professor Titular da UFS, Membro das Academias Sergipanas de Medicina, de Letras e de Educação

**VOLTAR
PARA CAPA** 

**VOLTAR
PARA ÍNDICE** 



Protocolo pioneiro adapta atendimento hospitalar às necessidades de pacientes com TEA em ambiente de urgência e emergência

HOSPITAL FERNANDO FRANCO IMPLANTA PROTOCOLO INÉDITO PARA ATENDIMENTO A PESSOAS COM AUTISMO E REFORÇA CUIDADO HUMANIZADO NA REDE PÚBLICA

A Prefeitura de Aracaju e a fundação Fabamed, atual gestora do Hospital Desembargador Fernando Franco, deram um passo importante na qualificação da assistência ao lançar, na tarde desta terça-feira, 28, um protocolo específico para o atendimento de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A iniciativa integra um conjunto de ações voltadas à humanização do cuidado e à adaptação dos serviços às necessidades de públicos específicos, especialmente em um ambiente de urgência e emergência.

O evento contou com a presença da prefeita de Aracaju, Emília Corrêa; da secretária municipal de Saúde, Débora Leite; da diretora executiva da Fabamed, Cláudia Carvalho; do diretor-geral da unidade, Marcos Monteiro, da vereadora Thannata da Equoterapia, além de especialistas na área, que participaram da apresentação e da capacitação das equipes.

Durante a solenidade, foi apresentada a cartilha orientativa e o kit de atendimento, composto por recursos que auxiliam na redução de estímulos sensoriais e na comunicação com o paciente, como óculos escuros, protetores auriculares, bolas terapêuticas e materiais de apoio visual.

Para a prefeita Emília Corrêa, a iniciativa representa um avanço importante na construção de uma saúde pública mais inclusiva. “Cuidar da população é também entender que cada pessoa tem necessidades específicas. Esse protocolo mostra que estamos atentos a isso e comprometidos em oferecer um atendimento mais humano, mais sensível e mais preparado para acolher as famílias”, destacou.

A secretária municipal de Saúde, Débora Leite, reforçou que o projeto fortalece a política pública de humanização. “Estamos falando de um atendimento que respeita as singularidades e garante mais dignidade no cuidado. Esse é um passo importante para que a rede pública esteja cada vez mais preparada para atender com qualidade e responsabilidade”, afirmou.

MUDANÇA NA FORMA DE CUIDAR

De acordo com a diretora executiva da Fabamed, Cláudia Carvalho, o protocolo representa mais do que uma diretriz técnica. Trata-se de uma transformação cultural dentro da unidade. “Esse projeto nasce da escuta e da necessidade de evoluir. Estamos preparando nossas equipes para oferecer um cuidado mais atento, mais seguro e mais respeitoso, entendendo que pequenas adaptações fazem uma grande diferença na experiência do paciente”, ressaltou.

Já o diretor-geral do hospital, Marcos Monteiro, destacou que a iniciativa faz parte de um processo mais amplo de reestruturação da unidade. “Estamos trabalhando para qualificar cada vez mais a assistência, com organização dos fluxos, capacitação das

equipes e implantação de protocolos que garantam mais eficiência e segurança. Esse é um avanço concreto na forma como cuidamos das pessoas”, pontuou.



Prefeita Emília Corrêa e secretária Débora Leite comemoram iniciativa Foto Felipe Bass

APLICAÇÃO PRÁTICA E CAPACITAÇÃO DAS EQUIPES

A implantação do protocolo inclui a capacitação dos profissionais e a adoção de práticas que tornam o atendimento mais previsível e acolhedor, reduzindo situações de estresse e desregulação. Durante o evento, especialistas na área orientaram a equipe sobre a aplicação prática das diretrizes no cotidiano hospitalar.

Segundo a Dra Natasha Cabral, uma das especialistas participantes, o diferencial do projeto está na aplicabilidade. “Quando a

equipe entende como adaptar o ambiente, a comunicação e a abordagem, o atendimento se torna mais seguro para todos, tanto para o paciente quanto para os profissionais. São mudanças simples, mas que têm um impacto muito significativo”, explicou.

Outra especialista, Dra Roberta Cardoso, destacou a importância da previsibilidade no cuidado e a importância do acolhimento das mães. “Muitas vezes, a primeira a ser acolhida deve ser a mãe. A família é parte fundamental do bom atendimento. Posteriormente a esse acolhimento familiar, a antecipação dos procedimentos, a comunicação clara e a redução de estímulos fazem toda a diferença para pessoas com autismo. Esse tipo de iniciativa contribui diretamente para um atendimento mais humanizado e eficaz”, afirmou.

RECONHECIMENTO E VALORIZAÇÃO DA INCLUSÃO

Durante a solenidade, também foi realizada uma homenagem a uma colaboradora neurodivergente da unidade, reconhecida pelo comprometimento e pela atuação exemplar no ambiente de trabalho, reforçando o

compromisso institucional com a inclusão e a valorização das pessoas. Também presentes ao evento, a mãe atípica Conceição Souza e seu filho Emmanuel Souza, elogiaram a iniciativa pioneira em Sergipe. “Para a gente, que vive essa realidade todos os dias, esse tipo de iniciativa faz toda a diferença. A gente chegava com nossos filhos e não tinha esse olhar, esse cuidado com as particularidades deles. Fiquei muito feliz ouvindo a médica falar sobre o acolhimento das mães”, ressaltou Conceição.

Emmanuel também comemora. “Ver uma instituição pública se organizando dessa forma, criando um protocolo, preparando a equipe, pensando em cada detalhe nos traz esperança”, declara Emmanuel. Quem igualmente celebrou o momento foi a vereadora Thannata da Equoterapia. “A implantação do protocolo TEA posiciona o Hospital Fernando Franco como referência na adaptação do atendimento para pessoas com necessidades específicas na rede pública. A iniciativa reforça o compromisso da gestão com a melhoria contínua da assistência, com foco em qualidade, segurança e humanização”, declara.

**VOLTAR
PARA CAPA** 

**VOLTAR
PARA ÍNDICE** 



SAÚDE BUCCAL

DENTISTA
Esdras Guimarães



ENXERTO ÓSSEO E IMPLANTES: ENTENDA QUANDO ELE É NECESSÁRIO

Quando falamos em implantes dentários, muitas pessoas pensam apenas na reposição do dente perdido. Mas, na prática, existe uma etapa que pode ser decisiva para o sucesso do tratamento: a condição do osso que vai receber esse implante.

Nem sempre a ausência do dente é o único desafio. Em muitos casos, o que também precisa ser analisado é a quantidade e a qualidade do osso disponível. E é justamente nesse contexto que o enxerto ósseo passa a ter importância.

O OSSO TAMBÉM FAZ PARTE DO TRATAMENTO

O implante precisa de base. Ele depende de um suporte ósseo adequado para alcançar estabilidade e funcionar com segurança ao longo do tempo. Quando esse osso não tem



espessura, altura ou densidade suficientes, o enxerto pode ser indicado para reconstruir essa estrutura e criar uma condição mais favorável para o tratamento.

Na minha prática, gosto de explicar isso de forma simples: não basta pensar apenas no dente que será colocado. É preciso olhar para o terreno onde esse implante será instalado. E, quando esse terreno perdeu volume ou resistência, primeiro precisamos devolvê-lo à condição ideal.

QUANDO O ENXERTO ÓSSEO PODE SER NECESSÁRIO

De forma geral, o enxerto ósseo é indicado quando houve perda óssea importante na

região onde o implante será instalado. Isso pode acontecer por diferentes razões.

Uma delas é o tempo decorrido após a perda do dente. Quando o dente é perdido e não é substituído, o osso daquela região tende a sofrer reabsorção progressiva. Outra situação comum ocorre em casos de doença periodontal, infecções, traumas ou extrações mais complexas, que também podem comprometer a estrutura óssea.

Ou seja, o enxerto não é uma regra para todos os pacientes, mas também não é algo incomum. Ele entra em cena quando o planejamento mostra que o osso existente não oferece a base necessária para um implante previsível e duradouro.

POR QUE ESSA ETAPA É TÃO IMPORTANTE

Muitas vezes, o paciente enxerga o enxerto como uma etapa extra. Eu prefiro enxergá-lo como uma etapa de preparo.

Na odontologia, resultados consistentes dependem de planejamento. E, quando a estrutura óssea precisa ser reconstruída,

respeitar esse tempo faz toda a diferença. O enxerto não está ali para atrasar o tratamento, mas para torná-lo mais seguro, mais estável e mais compatível com a função que o implante precisará exercer no futuro.

TODO IMPLANTE PRECISA DE ENXERTO?

Não. E essa é uma dúvida muito comum.

Existem muitos casos em que o paciente já apresenta volume ósseo suficiente, permitindo a instalação do implante sem necessidade de enxerto. Em outros, porém, o exame clínico e de imagem mostra que essa reconstrução é importante antes, ou às vezes junto, à colocação do implante. A decisão depende da avaliação individual de cada caso.

É por isso que o planejamento tem um papel tão central. Não existe uma resposta pronta para todos. Existe indicação clínica, análise criteriosa e respeito à anatomia de cada paciente.

RECONSTRUIR PARA REABILITAR BEM

Ao longo da minha trajetória, aprendi que reabilitar não é apenas substituir o

que foi perdido. Reabilitar bem é devolver função, estabilidade e previsibilidade. E, muitas vezes, isso começa antes mesmo da instalação do implante.

Quando o enxerto ósseo é indicado, ele passa a ser parte do cuidado, não um detalhe secundário. É uma forma de preparar o organismo para receber o implante com mais segurança e melhores condições estruturais.

O PACIENTE PRECISA ENTENDER CADA ETAPA

Sempre acreditei que a informação também faz parte do tratamento. Quando o paciente entende por que o enxerto é necessário, ele passa a enxergar o procedimento com mais tranquilidade e mais consciência.

O implante dentário é uma solução extremamente valiosa, mas ele precisa estar apoiado em fundamentos sólidos. E o osso é um desses fundamentos. Quando essa base precisa ser reconstruída, respeitar essa necessidade é investir na qualidade e na longevidade do resultado.

CADA CASO TEM SEU TEMPO E SUA NECESSIDADE

Falar sobre enxerto ósseo e implantes é, acima de tudo, falar sobre planejamento responsável. Nem todo paciente vai precisar dessa etapa. Mas, quando ela é indicada, seu papel é claro: criar as condições adequadas para que o implante cumpra sua função com segurança, estabilidade e durabilidade.

Na odontologia, resultados duradouros não dependem apenas da técnica. Eles dependem do respeito à biologia, à estrutura e ao tempo de cada tratamento.

E é justamente isso que o enxerto ósseo representa: o cuidado de preparar bem para reabilitar melhor.

Para ler mais conteúdos sobre saúde bucal e sua relação com a saúde geral, acesse meu **BLOG CLIQUE AQUI.**

Dr. Esdras Guimarães - formado desde 2005 pela UNIT – Universidade Tiradentes e Especialista em Prótese Dentária pela Associação Brasileira de Odontologia. Pós Graduado em Implantes - International Team For Implantology

**VOLTAR
PARA CAPA** 

**VOLTAR
PARA ÍNDICE** 



POR DR. ADERVAL ARAGÃO

RETRATOS DE RESILIÊNCIA

A NAVEGAÇÃO ENTRE A DOR E O PROPÓSITO

A existência, em sua essência mais profunda, apresenta um dilema paradoxal: a pulsão de vida em constante fricção com a sombra da aniquilação. Há um limiar onde a tessitura da dor se torna tão intrincada, tão opressiva, que a própria continuidade parece ceder lugar a um anseio por cessar. Não se trata de uma escolha entre bravura ou fraqueza, mas de um íntimo e lancinante desejo de desvencilhar-se de um peso insustentável, um clamor silencioso que ecoa no vazio da percepção alheia. A vida, tão amada em seus contornos luminosos, pode ser obscurecida por um sofrimento de tal magnitude que a libertação de si mesmo se afigura como o único horizonte.

A psique humana é um labirinto onde o prazer mais intenso e a insatisfação mais



cruel coexistem, muitas vezes nascidos da mesma fonte: o vínculo. Quando a dor que habita o intangível se intensifica, buscando uma forma de manifestação, o corpo pode se tornar um mapa para o sofrimento invisível. A externalização de uma angústia profunda, a tentativa de tornar palpável o que é puramente interior, revela a ânsia primordial de ser reconhecido, mesmo que essa revelação se dê na mais frágil e desesperada das formas. A sombra da finalização, por vezes, ronda os recantos mais íntimos da mente, uma ideia persistente que desafia a própria concepção da permanência.

A responsabilidade por esse intrincado cenário não reside apenas nos domínios da compreensão individual. A teia social, em sua complexidade, desempenha um papel crucial. Em momentos de crise aguda, a efemeridade do tempo se revela em sua brutalidade; instantes podem decidir o curso de uma vida. Um gesto de escuta ativa, a manifestação de uma empatia genuína, a simples oferta de auxílio, podem reconfigurar o destino. Contudo, quando o ambiente se torna um eco de hostilidade, e a dor, sem canais de vazão, se acumula, o desespero encontra terreno fértil. As rupturas em relacionamentos, a perda de um pilar de sustento, o luto que dilacera, ou a implacável marcha de uma enfermidade, são catalisadores que podem empurrar a alma ao limite.

O sofrimento é uma constante na jornada humana, e os desafios são parte intrínseca da experiência. A maestria não reside em negar a dor, mas em não permitir que ela se torne um oceano que engole o ser. O delicado equilíbrio entre sentir e não se afogar é o grande desafio existencial. O indivíduo, embora impactado pelas

SAÚDE EM DIA

circunstâncias, é também o artífice de suas reações, o navegante que escolhe como lidar com as tempestades. A busca por um sentido maior, uma espiritualidade que transcende o formalismo religioso, um reconhecimento de algo imaterial que habita o ser, frequentemente precede a completa desarticulação da vontade de viver. A solidão, paradoxalmente, floresce em meio a uma era de hiperconexão, onde a superficialidade das interações digitais pode, em vez de nutrir, corroer a saúde da mente, alimentando o desamparo.

A introspecção, o mergulho na própria solitude, pode ser um terreno fértil para a cura e a redefinição. É um espaço para o questionamento, para o desatar de nós internos, para o reencontro consigo. Mas a contemporaneidade muitas vezes nos furta desse confronto essencial. A facilidade do descarte, a brevidade dos laços digitais, substituem a rica complexidade do embate interpessoal, crucial para o amadurecimento emocional. Evitamos o desconforto do diálogo face a face, preferindo o véu da indiferença ou a frieza da rejeição digital.

Diante do vazio existencial, a tentação de preenchê-lo com paliativos se manifesta: uma busca incessante por outro, por substâncias entorpecentes ou por artifícios que prometem uma felicidade efêmera. A sociedade, imersa em suas próprias demandas, por vezes se esquivava dos fardos alheios, sem perceber que a dor do outro é, com frequência, um espelho da própria. Para confrontar os conflitos da alma, investir na beleza da estética, na disciplina do esporte, na vastidão da leitura, na expansão das viagens, ou na gratificação do voluntariado, são caminhos que preenchem a mente com propósito, beleza e um sentido de pertencimento. Embora nenhum substitua o amparo profissional, todos contribuem para evitar o colapso emocional.

A mente humana é um universo em si. A pergunta sobre o direito de determinar o próprio fim é um abismo ético e filosófico. A verdade é que abordar esse tema espinhoso não o incita, mas o ilumina, prevenindo. Escutar, ainda que não resolva todos os nós, possui o poder de resgatar. E o cuidado, essa virtude fundamental, não é uma incumbência individual, mas uma responsabilidade partilhada por todos,

um imperativo da condição humana. Como a sabedoria ancestral nos lembra, a transitoriedade de nossa existência faz com que a ideia do fim seja, em sua essência, irrelevante para o agora. Quando estamos, ela não está; quando ela está, nós não estamos. É no presente, na vida que se desenrola, que reside toda a nossa possibilidade.

Dr. Aderval Aragão - é médico e cirurgião vascular

**VOLTAR
PARA CAPA**



**VOLTAR
PARA ÍNDICE**



SAÚDE EM DIA

NA PALMA DA SUA MÃO

RECEBA TODA AS SEGUNDAS-FEIRAS ATRAVÉS DO WHATS APP SAÚDE EM DIA, SEU JORNAL DIGITAL.

DEPOIMENTOS

**FÁBIO
MITIDIERI**

**GOVERNADOR
DE SERGIPE**



“O Hospital de Cirurgia é uma instituição que atravessa gerações e se consolida como um verdadeiro patrimônio da saúde em Sergipe. O hospital nasceu com o propósito de cuidar das pessoas e, ao longo de 100 anos, se tornou referência em atendimentos de média e alta complexidade, salvando milhares de vidas e formando profissionais que fazem a diferença na medicina sergipana. O Cirurgia é hoje um dos principais parceiros do Sistema Único de Saúde, sendo responsável por grande parte dos atendimentos hospitalares no estado e garantindo acesso à saúde de qualidade para a nossa população. Parabéns a todos que fazem parte dessa história centenária. Sergipe tem orgulho de vocês.”

**EMÍLIA
CORRÊA**
PREFEITA DE
ARACAJU



“O Hospital de Cirurgia é referência na saúde não apenas para Aracaju, mas em todo o estado de Sergipe. Estamos falando de uma instituição centenária que salva vidas todos os dias, então, celebrar os 100 anos do Hospital de Cirurgia é reconhecer uma história construída com compromisso, excelência e, acima de tudo, cuidado com as pessoas. Ao longo dessas décadas, o Hospital de Cirurgia se consolidou como um patrimônio da saúde pública, acompanhando a evolução da medicina e ampliando sua capacidade de atendimento com responsabilidade, qualidade e principalmente com acolhimento e com um serviço humanizado. E é por entender essa importância que desde o início da nossa gestão, nós trabalhamos para fortalecer a parceria com o Hospital de Cirurgia, realizando ações que possibilitaram a

ampliação dessa oferta de serviços de qualidade e garantindo que a população tenha acesso a um atendimento cada vez melhor e com a nossa gestão contribuindo da melhor forma. Liberamos no final do ano passado, do pagamento de emendas parlamentares destinadas ao hospital, porque sabemos que esse investimento chega na ponta, melhora a estrutura, amplia os serviços e impacta diretamente na vida de quem mais precisa.

Além disso, seguimos trabalhando para garantir melhorias no entorno da unidade e dar suporte a todas as demandas que contribuem para o pleno funcionamento do hospital, com mais agilidade e eficiência. Cuidar da saúde é cuidar de gente. E quando a gente fortalece uma instituição como o Hospital de Cirurgia, a gente destaca o compromisso com a vida, com a dignidade e com o futuro das pessoas que moram na nossa cidade.

Parabéns ao Hospital de Cirurgia pelos seus 100 anos de história. E contem sempre com a gestão da prefeita Emília Corrêa como parceira nessa missão de salvar vidas.” ■

**LAÉRCIO
OLIVEIRA**
SENADOR DA
REPÚBLICA



“Celebrar os 100 anos do Hospital de Cirurgia é, para mim, um momento de emoção, respeito e responsabilidade. Estamos falando de uma instituição que atravessou gerações, cuidando de pessoas, salvando vidas e consolidando-se como um dos pilares da saúde em Sergipe.

Enquanto parlamentar, destinei mais de R\$ 20 milhões em emendas para desenvolver o hospital. Faço questão de deixar claro: esse investimento nunca foi só sobre números. Ele se traduz em avanços concretos e dignidade para as pessoas. A chegada de um tomógrafo moderno, por exemplo, representa mais agilidade no diagnóstico e mais precisão nos exames.

A implantação de uma nova Central de Processamento de Roupas (CPR) significa

mais segurança, mais higiene e melhores condições para o funcionamento diário do hospital, algo essencial que muitas vezes não aparece, mas é decisivo para a qualidade do atendimento.

São melhorias que impactam diretamente a rotina de quem trabalha aqui e, principalmente, a vida de quem precisa do hospital. No fim das contas, cada investimento tem um destino certo: o cuidado com as pessoas.

Eu conheço a realidade da saúde pública e sei o quanto instituições como o Hospital de Cirurgia são fundamentais. Fortalecer esse hospital é garantir dignidade, ampliar acesso e salvar vidas. Mas nenhuma estrutura se sustenta sem gente.

O que faz o Hospital de Cirurgia chegar aos 100 anos é o compromisso de cada profissional que veste essa camisa todos os dias. Médicos, enfermeiros, técnicos, equipes administrativas, todos movidos por uma missão que vai além do trabalho.

Aqui, o cuidado é levado a sério. Chegar a um século de história é um

marco que poucos alcançam. E isso só é possível quando há credibilidade, seriedade e um legado verdadeiro de serviços prestados à população.

Seguirei firme, trabalhando para que o Hospital de Cirurgia continue avançando, se modernizando e ampliando sua capacidade de atender cada vez melhor o povo sergipano.

Parabéns a todos que fazem parte dessa história!



SAÚDE EM DIA

NA PALMA DA SUA MÃO

RECEBA TODA AS SEGUNDAS-FEIRAS ATRAVÉS DO WHATS APP SAÚDE EM DIA, SEU JORNAL DIGITAL.

MARCOS ANDRADE

PRESIDENTE
DO SISTEMA
FECOMÉRCIO
SERGIPE



“O Hospital de Cirurgia chega ao seu centenário como um dos maiores patrimônios da saúde em Sergipe, símbolo de compromisso, inovação e cuidado com a vida. Idealizado pelo médico e visionário Augusto Leite, nasceu com a missão de democratizar o acesso à medicina de qualidade e formar gerações de profissionais.

Ao longo de 100 anos, acompanhou a evolução da medicina, expandiu sua estrutura, consolidou especialidades e se tornou referência no atendimento. Na fase atual, alia tradição e modernidade, com gestão eficiente, tecnologia, equipes qualificadas e atendimento humanizado, mantendo viva sua essência de salvar vidas e servir à sociedade.”

**DÉBORA
LEITE**
**SECRETÁRIA
MUNICIPAL
DE SAÚDE**



**Centenário do Hospital de Cirurgia:
Um Século de Devoção à Vida**

Uma instituição que se confunde com o próprio mapa da cidade — não apenas pela localização geográfica, mas pelo lugar que ocupa no afeto e na sensação de segurança que transmite à população. Assim é o Hospital de Cirurgia, que, dada a sua relevância, batizou o bairro da nossa querida Aracaju.

Ao celebrarmos os 100 anos do “Cirurgia”, não contamos apenas o tempo de uma estrutura física; reverenciamos um século de vidas que ali encontraram um recomeço. Honramos gerações de profissionais que dedicaram suas carreiras a um projeto que se reinventa a cada ciclo. Para nós, gestores de saúde, a instituição é mais que um ponto na rede; é um patrimônio imaterial. Se as

paredes são o corpo, a “alma” do hospital — o saber acadêmico, a tradição da cura e a sua história — é o nosso bem mais precioso.

Nascido da audácia de Augusto Leite, nosso eterno “bisturi de ouro”, o hospital atravessou gerações consolidando-se como o porto seguro da alta complexidade. Entrou para a história da medicina mundial com a Cirurgia de Teles, técnica reconhecida internacionalmente. Quem percorre hoje suas alas modernizadas, testemunhando a potência tecnológica e o volume de atendimentos, talvez não imagine as tempestades que essa estrutura já enfrentou.

O hospital viveu crises que poderiam ter silenciado seus bisturis, mas a vocação para o cuidar sempre falou mais alto que as dificuldades. Sob a intervenção judicial de Márcia Guimarães e sua equipe, a instituição voltou a prosperar, devolvendo o alento aos que zelam por este serviço. O Hospital de Cirurgia é a prova de que gestão e resiliência são capazes de operar milagres que transcendem a medicina. Minha ligação com a casa é antiga. Embora nunca tenha trabalhado formalmente ali, frequentei

o hospital assiduamente na juventude, acompanhando minha mãe, que foi colaboradora na década de noventa. Lá, conheci uma geração de profissionais que me marcou profundamente. Nomes como o saudoso Dr. Clóvis Andrade; Dr. José Teles (que viria a ser meu mestre e orientador); Dra. Rika Kakuda; Dr. Marcos Ramos; Dr. Edson Souza; Dr. Adriano Caldas; Dra. Ana Luiza Vahle; Dra. Geodete Batista; e as enfermeiras Amenildes e Elza de Sá — além de tantos outros da Unidade Cardiotorácica — foram exemplos de profissionalismo e inspiração para a minha própria trajetória.

A história recente do Cirurgia deve nos servir de bússola. Assistimos a uma verdadeira lição de superação: onde antes havia incerteza, hoje vemos modernização, transparência e um compromisso renovado com o SUS. Ver o hospital se reerguer, ampliar leitos de UTI e tornar-se referência nacional é um lembrete de que nenhum desafio é intransponível para quem tem propósito.

Se a rede de saúde de Sergipe fosse um corpo humano, o Hospital de Cirurgia seria o ventrículo esquerdo deste sistema complexo:

bombeando esperança e garantindo que o cidadão, em sua maior vulnerabilidade, tenha acesso ao que há de melhor na ciência médica. Sua “fração de ejeção” deve ser calculada pela eficiência desse “miocárdio” em cada atendimento realizado. É o exemplo vivo de que a tradição pode, e deve, evoluir com humanização.

Ao olharmos para os próximos cem anos, que a capacidade de reinvenção do Cirurgia nos guie. Parabéns a todos os profissionais que, com suor e talento, mantêm essas portas abertas.

Vida longa ao Hospital de Cirurgia

JARDEL MITERMAYER

SECRETÁRIO
DE ESTADO DA
SAÚDE



“Celebrar os 100 anos do Hospital de Cirurgia é reconhecer a força de uma instituição que ajudou e ajuda a construir a história da saúde em Sergipe. Ao longo de um século, o Hospital de Cirurgia se consolidou como referência em assistência, ensino e compromisso com a vida, sendo um parceiro estratégico na missão de cuidar das pessoas.

Essa trajetória centenária é resultado do trabalho incansável de profissionais dedicados e de uma gestão comprometida com a qualidade e a humanização do atendimento. Como secretário de Estado da Saúde, reafirmo nosso respeito e nossa confiança nessa importante parceria para o fortalecimento do sistema de saúde sergipano. Parabéns pelos 100 anos de serviços prestados à vida.”

**IOLANDA
GUIMARÃES**
PRESIDENTE
DO TJSE



Centenário do Hospital de Cirurgia

Celebrar o centenário do Hospital de Cirurgia é reverenciar uma história que se confunde com a própria evolução da saúde pública em Sergipe. São 100 anos de dedicação à vida, de compromisso com o cuidado e de construção de um legado que ultrapassa gerações.

Fundado em 1926, o Hospital de Cirurgia consolidou-se como referência em atendimentos de média e alta complexidade, sendo peça fundamental para o funcionamento da rede estadual de saúde. Com centenas de leitos, atuação em diversas especialidades e destaque em áreas como neurocirurgia, oncologia e cirurgia cardiovascular, a instituição desempenha papel estratégico no

atendimento à população, especialmente por meio do Sistema Único de Saúde.

Mais do que números e estruturas, o Hospital de Cirurgia representa um espaço de esperança. É nele que vidas são salvas, histórias são transformadas e profissionais são formados. Ao longo de sua trajetória, o hospital também se destacou como centro de ensino, contribuindo para a formação de gerações de médicos e profissionais de saúde que hoje atuam em todo o estado e além dele.

Destaco, ainda, os avanços recentes que apontam para o futuro, como a ampliação dos serviços, a implantação de novos projetos e o fortalecimento de áreas estratégicas, a exemplo dos transplantes e da estrutura ambulatorial. Essas iniciativas reafirmam o compromisso do hospital com a inovação, a qualidade e o acesso à saúde.

Como presidente do Tribunal de Justiça de Sergipe, reconheço no Hospital de Cirurgia um parceiro indispensável na promoção da dignidade humana. A saúde é um direito fundamental, e instituições como essa são essenciais para que esse direito

se concretize de forma efetiva e igualitária. Que este centenário não seja apenas a celebração de uma trajetória, mas também o ponto de partida para novos avanços. Que o Hospital de Cirurgia continue sendo símbolo de resiliência, cuidado e compromisso com o povo sergipano.

Parabenizo todos os profissionais, colaboradores e parceiros que fazem parte dessa história. Sergipe se orgulha de vocês.

**SAÚDE +
EM DIA**

TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS

SIGA-ME!
saudeemdia_se

ENTRE EM CONTATO
(79) 9.9909-1868

**ALESSANDRA
PEDRAL DE
SANTANA**

**PROMOTORA
DE JUSTIÇA**



Celebrar o centenário do Hospital Cirurgia é reconhecer não apenas a longevidade desta instituição, mas sobretudo a sua relevância histórica e social para o povo sergipano.

Ao longo de 100 anos, o hospital construiu uma trajetória marcada pelo atendimento à população, especialmente aos usuários do Sistema Único de Saúde, sendo, por décadas, uma referência essencial na assistência à saúde em nosso estado. Contudo, como tantas instituições longevas, também enfrentou momentos de profunda crise, que colocaram em risco a continuidade dos serviços e, principalmente, a dignidade do atendimento prestado à população.

Foi nesse contexto delicado que, no ano de 2018, se fez necessária a atuação firme e equilibrada do Ministério Público de Sergipe,

com o início da intervenção na unidade hospitalar. A medida não surgiu como um ato de ruptura, mas como um instrumento legítimo de proteção ao interesse público, à vida e à saúde dos cidadãos. Tratou-se de uma iniciativa pautada no compromisso constitucional de defesa dos direitos fundamentais, especialmente daqueles que mais dependem da rede pública de saúde.

A partir daquele momento, iniciou-se um processo de reconstrução institucional. Com diálogo, fiscalização rigorosa e atuação integrada, foi possível reordenar fluxos, resgatar a credibilidade da instituição e restabelecer padrões mínimos — e progressivamente mais qualificados — de atendimento.

Hoje, ao olharmos para trás, é possível afirmar que a intervenção representou um divisor de águas na história do hospital. Mais do que sanar irregularidades pontuais, ela permitiu a construção de uma nova perspectiva de gestão, pautada na transparência, na responsabilidade e no respeito ao usuário do SUS. Este centenário, portanto, não celebra apenas o passado. Ele

simboliza a capacidade de transformação, a força das instituições e o papel essencial do Estado — por meio de seus órgãos de controle — na garantia de direitos e uso adequado de recursos públicos!

Que o Hospital Cirurgia siga avançando, fortalecido pelas lições de sua história, e que continue sendo um espaço de cuidado, dignidade e esperança para todos que dele necessitam, especialmente nossos usuários do Sistema Único de Saúde!

**DR WALTER
PINHEIRO**

**DIRETOR
PRESIDENTE
DO IPESAÚDE**



“Recebo com profunda gratidão a homenagem concedida pelo Hospital de Cirurgia neste momento tão especial de celebração do seu centenário. Fazer parte dessa história, ainda que de forma modesta, é motivo de grande honra e orgulho. Ao longo dos anos, tive a oportunidade de acompanhar de perto o compromisso desta instituição com a excelência, o cuidado com a vida e a dedicação à saúde da população sergipana. Esta distinção não representa apenas um reconhecimento individual, mas também simboliza o valor do trabalho coletivo de todos que contribuíram e continuam contribuindo para o fortalecimento dessa trajetória centenária. Agradeço, sinceramente, pela generosidade e pelo reconhecimento, reafirmando minha admiração e respeito por essa instituição tão importante para a nossa sociedade.

**DR LUIZ
FLÁVIO**
CHEFE DO
SERVIÇO DE
CARDIOLOGIA
DO HC



“Minha história com o Hospital de Cirurgia começou no final dos anos 90, ainda como estudante de medicina em um concorrido estágio de cardiologia. Desde então, criei um vínculo profundo com a instituição, onde fiz minha residência e fui convidado a estruturar o serviço de urgência cardiológica. Após anos na coordenação e no ensino, cheguei a me afastar por não concordar com os rumos da antiga gestão, mas saí com o desejo de ainda retribuir tudo o que aprendi. Com a intervenção, aceitei o desafio de retornar para organizar a UTI Geral, que estava em uma situação crítica. Conseguimos um feito histórico: transformamos o que o Proadi-SUS considerava inviável em um case de sucesso nacional, elevando nossa conformidade de 5% para 85%. Hoje, como chefe da cardiologia e coordenador

da UTI, sinto que realizo um sonho ao ver o hospital oferecendo à população carente uma estrutura de ponta, digna do setor privado, com hotelaria impecável e atendimento humanizado. Ver a perplexidade e a gratidão dos pacientes ao descobrirem que têm acesso a essa excelência pelo SUS é o que me motiva a continuar trabalhando para evoluirmos cada vez mais.”

**SAÚDE +
EM DIA**

TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS

SIGA-ME!

 [saudeemdia_se](https://www.instagram.com/saudeemdia_se)

ENTRE EM CONTATO

(79) 9.9909-1868

**DR. PAULO
SALOTTI**
CHEFE DO SERVIÇO
DE ORTOPEDIA E
TRAUMATOLOGIA
DO HC



“Trabalho no Hospital de Cirurgia desde 2014. Ao longo desses anos, vivenciei, como médico da instituição, momentos de grande dificuldade, que quase levaram ao fechamento do hospital, bem como o início da intervenção judicial e, posteriormente, sua retomada. É uma honra fazer parte do corpo clínico, integrar o Conselho Deliberativo e chefiar o Serviço de Ortopedia e Traumatologia. Atualmente, contamos com um serviço bem estruturado, composto por 16 ortopedistas que atuam em diversas subespecialidades, como ombro, quadril, joelho, pé e tornozelo, além do trauma de membros superiores e inferiores. Somos o maior serviço de ortopedia do estado e o quarto maior do Nordeste, estando integralmente à disposição da sociedade sergipana por meio do SUS.”

**VOLTAR
PARA CAPA** 

**VOLTAR
PARA ÍNDICE** 

SAÚDE EM DIA

RECEBA TODA SEGUNDA NOSSO
JORNAL DIGITAL **SAÚDE EM DIA**
ATRAVÉS DO WHATS APP



CLIQUE AQUI



@saudeemdia_se

VOLTAR PÁGINA 1 